

O IMPACTO DE MAUS-TRATOS NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Recebido em: 24/03/2023

Aceito em: 28/04/2023

DOI: 10.25110/arqsaude.v27i4.2023-020

Sergio Chociay Junior¹
Milla Bitencourt Cabral²
Isabela Crispim Ribeiro³
Leonardo Siqueira Aprile Pires⁴
Aline Souza Costa de Paulo⁵
Natália Varreira Parduci⁶
Alisson Kelvin Pereira Borges de Freitas⁷
Talita Navarro Carachesti⁸
Raquel Cordeiro Ricci⁹
Sannye Sabrina González Bogado¹⁰
Maria Eduarda Leite Facina¹¹
Rafaela Caldato Spegiorin¹²
Mônica Mussolini Larroque¹³

RESUMO: Os maus-tratos na infância e na adolescência consistem em abusos psicológicos, físicos e sexuais, além de negligência dos cuidadores, gerando prejuízos psicológicos nesses indivíduos. O objetivo do estudo foi analisar na literatura nacional e internacional o impacto dos maus-tratos na saúde mental de crianças e adolescentes. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada entre agosto e outubro de 2020, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), por meio da questão norteadora: “Quais são os estudos

¹ Graduado em Medicina. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: scjunior2008@gmail.com

² Graduanda de Medicina. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: milla_bitencourt@ufms.br

³ Graduanda de Medicina. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: isabela.crispim@ufms.br

⁴ Graduando de Medicina. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: leonardo.siqueira@ufms.br

⁵ Graduanda de Medicina. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: aline.s.c.paulo@ufms.br

⁶ Graduanda de Medicina. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: natalia.parduci@ufms.br

⁷ Graduando de Medicina, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: alisson.kelvin@ufms.br

⁸ Graduanda de Medicina, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: talita.navarro@ufms.br

⁹ Graduanda de Medicina, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: ricci_raquel@hotmail.com

¹⁰ Graduanda de Medicina. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: sannyeleonalezbogado@gmail.com

¹¹ Graduanda de Medicina, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: dudaleitef@hotmail.com

¹² Graduanda de Medicina, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: rafaela.spegiorin@ufms.br

¹³ Doutora em Promoção da Saúde, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: monicamussolini2@gmail.com

originais nacionais e internacionais que abordam o impacto de maus-tratos na saúde mental de crianças e adolescentes?”. Foram incluídos artigos em inglês, disponíveis na íntegra, e correspondentes aos últimos três anos. Excluíram-se documentos que não apresentavam pertinência no estudo conduzido. Foram eleitos dezesseis artigos para análise, que foram divididos em quatro categorias: “I: Associação direta entre maus-tratos e problemas de saúde mental por crianças e adolescentes”, a qual evidenciou prejuízos psicológicos como depressão e distúrbios do sono; “II: Fatores de proteção para a saúde mental de crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos”, que indicou atividades extracurriculares e ambiente familiar acolhedor como fatores de melhor prognóstico diante dos abusos; “III: Relação entre culpabilização da vítima de maus-tratos pela sociedade e sua saúde mental”, a qual apresentou consequências negativas da cultura de culpabilização da vítima; e “IV: Influência da experiência pregressa de maus-tratos em cuidadores como fator preditor de perpetuação de abusos”, que identificou a reprodução de estruturas familiares abusivas. Observa-se que os maus-tratos são uma problemática de saúde pública, o que afirma a necessidade de consolidação de políticas públicas no âmbito, a fim de garantir maior proteção a crianças e adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Maus-Tratos Infantis; Saúde Mental; Criança.

THE IMPACT OF MALTREATMENT ON THE MENTAL HEALTH OF CHILDREN AND ADOLESCENTS: AN INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW

ABSTRACT: Maltreatments in childhood and adolescence consists of psychological, physical and sexual abuses, in addition to negligence by caregivers, generating psychological disturbs in these individuals. The objective of the study was to analyze in the national and international literature the impact of maltreatments in the mental health of children and adolescents. This is an integrative literature review conducted between August and October 2020, at the Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), through the guiding question: “What are the original national and international studies that address the impact of maltreatments in the mental health of children and adolescents?”. Articles in English, fully available, and corresponding to the last three years were included. Documents which were not relevant in the study conducted were excluded. Sixteen articles were chosen for analysis, which were divided into four categories: “I: Direct association between abuse and mental health problems by children and adolescents”, which showed psychological damage such as depression and sleep disorders; “II: Protection factors for the mental health of children and adolescents who were victims of abuse”, that indicated extracurricular activities and welcoming family environment as factors of better prognosis in the face of abuse; “III: Relationship between culpabilization of the victim of abuse by society and its mental health”, which presented negative consequences of the culture of culpabilization of the victim; and “IV: Influence of the previous experience of maltreatment in caregivers as a predictor of perpetuation of abuse”, that identified the reproduction of abusive family structures. It is observed that maltreatment is a public health problem, which affirms the need to consolidate public policies in the scope, in order to ensure greater protection for children and adolescents.

KEYWORDS: Child Abuse; Mental Health; Child.

EL IMPACTO DEL MALTRATO EN LA SALUD MENTAL DE NIÑOS Y ADOLESCENTES: UNA REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA INTEGRADORA

RESUMEN: Los malos tratos en la infancia y adolescencia consisten en ausencias psicológicas, físicas y sexuales, además de negligencia por parte de los cuidadores, generando disturbios psico-lógicos en estos individuos. El objetivo del estudio fue analizar en la literatura nacional e internacional el impacto de los malos tratos en la salud mental de niños y adolescentes. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada entre agosto e outubro de 2020, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), através da pergunta orientadora: "¿Cuáles son los estudios originales nacionales e internacionales que abordan el impacto de los malos tratos en la salud mental de niños y adolescentes?". Se incluyeron artículos en inglés, totalmente disponibles y correspondientes a los últimos tres años. Se excluyeron los documentos que no eran relevantes para el estudio realizado. Se eligieron 16 artículos para el análisis, que se dividieron en cuatro categorías: "I: Asociación directa entre maltrato y problemas de salud mental de niños y adolescentes", que mostraba daños psicológicos como depresión y trastornos del sueño; "II: Factores de protección para la salud mental de niños y adolescentes víctimas de maltrato", que indicaba las actividades extraescolares y el ambiente familiar acogedor como factores de mejor pronóstico ante el maltrato; "III: Relación entre la culpabilización de la víctima de maltrato por parte de la sociedad y su salud mental", que presentó las consecuencias negativas de la cultura de culpabilización de la víctima; y "IV: Influencia de la experiencia previa de maltrato en los cuidadores como predictor de perpetuación del maltrato", que identificó la reproducción de estructuras familiares abusivas. Se observa que el maltrato es un problema de salud pública, lo que afirma la necesidad de consolidar políticas públicas en el ámbito, a fin de garantizar una mayor protección a los niños y adolescentes.

PALABRAS CLAVE: Maltrato Infantil; Salud Mental; Niño.

1. INTRODUÇÃO

Faz-se necessário salientar que os maus-tratos na infância e adolescência consistem em abusos psicológicos, físicos, sexuais, e, muitas vezes, também, em negligências dos cuidadores (QUEIROS; CASEIRO, 2018). Nota-se que a violência domiciliar está atrelada a episódios de opressão, que têm como principais lesões as fraturas, os hematomas e os cortes. Além de marcas físicas, os maus-tratos estão relacionados a prejuízos psicológicos, como o medo, a retração ou o comportamento agressivo (CORDEIRO *et al.*, 2019a). Aponta-se, inclusive, que as principais denúncias de violência contra crianças e adolescentes realizadas na região Sul do Brasil são referentes à violência sexual, física e violência psicológica (MAGALHAES *et al.*, 2020). Desta forma, a existência dos maus-tratos na infância é um problema de saúde pública capaz de atingir uma a cada quatro crianças de diferentes origens, idades e condições socioeconômicas (QUEIROS; CASEIRO, 2018).

Desse modo, o ato violento consiste no uso intencional da força física ou da posição de poder e superioridade, a fim de causar lesão, morte, dano psicológico, privação ou falha no desenvolvimento, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo de pessoas (Organización Panamericana de la Salud, OPS, 2002). Observa-se que a perpetuação da violência tem maior incidência dentro dos domicílios, locais onde as crianças deveriam ser protegidas. Por este motivo, o Fundo das Nações Unidas (UNICEF) pontuou que, a cada sete minutos, uma criança ou adolescente no mundo tem sua vida precocemente retirada como consequência da violência doméstica (UNICEF, 2017). Evidenciam-seos principais agressores como os parentes e as pessoas com proximidade de relacionamento com os infante-juvenis. Dessa forma, destaca-se, ainda, que, na realidade brasileira, mais de 60% dos eventos de violência ocorrem no domicílio e cerca de 70% dos agentes da agressão são pessoas do vínculo afetivo, como pais, mães, avós e padrastos (MAGALHAES *et al.*, 2020).

Compreende-se que as altas taxas de maus-tratos, dentro da faixa etária em questão, evidenciam a necessidade de ações preventivas (CORDEIRO *et al.*, 2019a). Isto porque é na primeira infância que ocorre o rápido de desenvolvimento neuroendocrinológico, devido, também, à maior plasticidade do cérebro durante os primeiros anos de vida (QUEIROS; CASEIRO, 2018). Assim, a violência doméstica torna as crianças e os adolescentes vulneráveis a diversas morbidades, comprometendo, ainda, o desempenho escolar, o que gera baixo desempenho no aprendizado, evasão e a limitação de oportunidades para realizações pessoais e profissionais futuras (CORDEIRO *et al.*, 2019a). Logo, devido aos excessivos prejuízos que a violência provoca à saúde física, mental e ao desenvolvimento individual, instituições e profissionais atuantes na proteção da criança e do adolescente se mobilizaram no Brasil a fim de criarem o Estatuto da Criança e do Adolescente (MINAYO *et al.*, 2018).

Nota-se que, ao passar por situações de adversidades no início da vida, as pessoas tendem a desencadear transtornos mentais ao longo dos anos, como depressão, ansiedade, transtorno de personalidade, uso abusivo de substâncias prejudiciais à saúde e comportamento agressivo ou suicida. Além disso, evidencia-se a associação desses episódios traumáticos à existência de maus resultados clínicos, resultando em maior incidência de comorbidades ou de doenças crônicas. Tal resposta às ações estressantes é resultado de mudanças epigenéticas do ácido desoxirribonucleico, o DNA (QUEIROS; CASEIRO, 2018).

Cabe destacar que as principais influências para o desenvolvimento da criança são provenientes do ambiente familiar (SOUZA; VIZZOTTO; GOMES, 2018). Diante disso,

a família é a representação fundamental para a construção de valores e de uma identidade para a criança e o adolescente (CORDEIRO *et al.*, 2019b). Por este motivo, a caracterização do ambiente no qual a pessoa está inserida é importante por demonstrar a presença de apoio e afeto ou de uma exposição a um intenso sofrimento psíquico, associado à agressividade e à dificuldade em controlar impulsos (ROSSI *et al.*, 2019).

Apresenta-se que cerca de 60% dos adolescentes de uma instituição pública do Brasil relataram ser vítimas ou já terem sido vítimas de violência domiciliar (CORDEIRO *et al.*, 2019b). Entretanto, os dados referentes aos maus-tratos nesse país são limitados em decorrência da vasta subnotificação existente, o que dificulta a análise de informações seguras e atualizadas (HILDEBRAND *et al.*, 2019). Nesse prisma, sabe-se que a prevalência de aspectos degradantes na infância ou na adolescência desencadeia nas vítimas, durante a fase do adolecer, práticas agressivas contra outras pessoas ou contra si, na forma de automutilação e comportamento suicida (CORDEIRO *et al.*, 2019a). Isso ocorre devido ao comportamento prevalente da faixa etária em questão, já que os adolescentes, em sua maioria, tendem a individualizar o sofrimento, sem procurar ajuda, culpabilizando-se pela situação vivenciada (ROSSI *et al.*, 2019).

Desta forma, percebe-se que a violência humana foi historicamente naturalizada, devido ao processo de repetição ao longo dos anos (SOUZA; VIZZOTTO; GOMES, 2018). Nesse viés, salienta-se que esta naturalização da violência familiar resulta na dificuldade de adolescentes se perceberem em ambientes hostis ou em situações degradantes, baseado na ideia de que a violência é um recurso educacional, culturalmente aceito e cotidianamente reproduzido (MAGALHAES *et al.*, 2020). Assim, na tentativa de alterar a cultura socialmente aceita, algumas legislações foram instituídas no mundo, tal como a Lei nº 13.010/2014 no Brasil, a qual foi criada para conscientizar e estabelecer o direito da criança e do adolescente à educação e ao cuidado integral sem o uso de abuso físico ou de tratamento degradante. Nesse ínterim, compreende-se a importância de se proteger crianças e adolescentes de situações de maus-tratos, ao impedir as consequências físicas e psicológicas provenientes desse mal, proporcionando um crescimento e desenvolvimento saudável, amparado por um lar de apoio e de confiança (MINAYO *et al.*, 2018). Em razão de todos estes fatores, o estudo foi desenvolvido com o objetivo de analisar na literatura nacional e internacional o impacto dos maus-tratos na saúde mental de crianças e adolescentes.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, a qual foi desenvolvida por meio de pesquisa na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) nos meses de agosto a outubro de 2020, a partir da questão norteadora: “Quais são os estudos originais internacionais que abordam o impacto de maus-tratos na saúde mental de crianças e adolescentes?”.

Inicialmente, foram aplicados os descritores em ciências da saúde (DeCS) “Child Abuse” e “Mental Health”, combinados entre si através do operador booleano “AND”. Foram encontradas 2991 publicações, as quais estavam disponíveis nas seguintes bases de dados: *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Índice Bibliográfico Español em Ciencias de la Salud* (IBECS), Index Psicologia, *Literatura sobre Salud en Cuba* (CUMED), *Bibliografía Nacional em Ciencias de la Salud Argentina* (BINACIS), *Institutional Repository for Information Sharing of the Pan American Health Organization* (PAHO IRIS), Localizador de Informação em Saúde (LIS), Secretaria do Estado de São Paulo (SES-SP), *Argentina, Ministerio de Salud y Desarrollo Social de la Nación* (ARGMSAL), Base de Dados em Enfermagem (BDENF), Desastres, e *Institutional Repository for Information Sharing of the World Health Organization* (WHO IRIS).

Após essa etapa, foram instituídos os filtros “Texto completo”, “Inglês”, “2018”, “2019” e “2020”, resultando em 433 publicações. Nesse ínterim, foram encontrados apenas documentos na bases de dados MEDLINE e IBECS. As produções acadêmicas foram analisadas a partir de seus títulos e resumos, a fim de que fosse identificado seu potencial para atender à questão norteadora. A partir desse processo, excluíram-se 399 publicações por não serem compatíveis com o objetivo proposto, resultando em 34, as quais foram lidas na íntegra, com o objetivo de averiguar suas relevâncias e pertinências no estudo conduzido. Por fim, foram descartadas 18 publicações, por também não serem compatíveis com o objetivo do estudo, totalizando uma amostra final de 16 artigos - todos disponíveis na base de dados MEDLINE.

A metodologia pode ser descrita por meio do Fluxograma 1.

Fluxograma 1. Fluxograma para seleção e inclusão dos artigos na revisão integrativa de literatura.



3. RESULTADOS

Após a busca completa na base de dados, identificaram-se 16 estudos que se enquadravam na questão norteadora da presente revisão. A caracterização desses trabalhos selecionados, segundo as variáveis de interesse, encontra-se descrita no quadro 1.

Quadro 1. Caracterização dos estudos abordados na revisão.

Autoria e ano	Código	Periódico	Metodologia e Participantes	Resultados
GUVEN <i>et al</i> , 2018	A1	<i>Journal of Psychosocial Nursing and Mental Health Services</i>	Análise descritiva quantitativa. Amostra final de 443 crianças inscritas no Centro de Proteção à Criança	Entre as crianças, identificaram-se sentimentos de desespero, desconfiança e culpa, medo de que acontecesse de novo, problemas para dormir e falta de esperança com o futuro
NKUBA <i>et al</i> , 2018	A2	<i>Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology</i>	Estudo ecológico quantitativo. Amostra final de 700 alunos de 6 escolas secundárias da Tanzânia. Ocorreu a aplicação de questionários com os seguintes instrumentos: <i>Conflict Tactics Scale</i> (CTSPC) e <i>Strengths and Difficulties Questionnaire</i> (SDQ)	Entre os alunos, 41% relataram problemas de saúde mental, como problemas com colegas, emocionais, de conduta e hiperatividade. Identificou-se, ainda, uma relação entre a violência física dos pais e os problemas de saúde mental das crianças.
DE OLIVEIRA <i>et al</i> , 2018	A3	<i>Child Abuse Neglect</i>	Estudo de coorte quantitativo. Amostra final de 347 alunos de uma escola de Salvador com evidências de maus-tratos. Instrumentos usados: <i>checklist</i> modificado da Associação Brasileira de Pesquisa, <i>Childhood Trauma Questionnaire</i> (CTQ), <i>Child Behavior Checklist</i> (CBLC/6-18) e Questionário Olweus	Há uma individualização na resposta frente a maus-tratos. Ademais, o abuso emocional é o maior preditor de problemas de saúde mental
KHAMBATI <i>et al</i> , 2018	A4	<i>Child Abuse Neglect</i>	Estudo de incidência quantitativo. Amostra final de 1493 crianças com relatos de maus-tratos. Ferramentas: <i>General Certificate of Secondary Education</i> (GCSE), Escala de Bem-Estar Mental de	Evidenciou-se que fatores positivos da escola podem favorecer a resiliência da criança. Um perfil comunicativo e de interação social também são fatores

			Warwick-Edinburgh e Escala de Autoestima de Bachmann	protetores para a saúde de crianças vítimas de maus-tratos
CELIK <i>et al</i> , 2018	A5	<i>Journal of Child Sex Abuse</i>	Estudo de coorte quantitativo. Amostra final de 54 adolescentes que sofreram abuso, os quais se dividiram em dois grupos: um que se retratou da primeira denúncia e o outro que insistiu na veracidade do relato	No grupo que se retratou, identificaram-se maiores reações sociais adversas, como manter segredos e repressão familiar
MORAES <i>et al</i> , 2018	A6	<i>Child Abuse Neglect</i>	Estudo transversal quantitativo. Amostra final de 487 alunos da nona série de 6 escolas do Rio de Janeiro. Ferramentas: <i>Childhood Trauma Questionnaire</i> (CTQ), <i>General Health Questionnaire</i> (GHQ-12) e <i>Egna Minnen Beträffande Uppfostran</i> (s-EMBU-23).	O abuso emocional, físico, a negligência e o baixo nível de interação pai-filho são fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos mentais comuns na adolescência
SCHNEIDER-MAN <i>et al</i> , 2018	A7	<i>Journal of Adolescent Health</i>	Estudo longitudinal quantitativo. Amostra final de 247 adolescentes vítimas de maus-tratos e um grupo comparação de outros 138 adolescentes. Instrumentos: <i>Children's Depression Inventory</i> (CDI) e <i>Youth Symptom Survey Checklist</i> (YSSC)	Encontrou-se relação entre sintomas depressivos, de estresse pós-traumático e distúrbios de sono apenas no grupo feminino
MCGUIRE <i>et al</i> , 2018	A8	<i>Child Abuse Neglect</i>	Estudo ecológico quantitativo. Amostra formada por dados obtidos dos registros estaduais de 496 adolescentes em um orfanato	Identificaram-se relações independentes entre maus tratos e instabilidade de posicionamento em relação aos problemas de saúde mental
HECKER <i>et al</i> , 2019	A9	<i>Development and psychopathology</i>	Estudo transversal quanti-qualitativo. Amostra de 409 alunos de uma escola primária. Aplicaram-se entrevistas clínicas estruturadas para avaliar maus-tratos	Houve negligência física e emocional em 31% dos participantes. Nos menores (6-9 anos), observou-se relação entre a negligência e os problemas de internalização e externalização. Nos maiores, a violência e o abuso foram os maiores fatores de risco
BRUCE <i>et al</i> , 2019	A10	<i>Attachment & Human Development</i>	Estudo longitudinal prospectivo quantitativo. Amostra final de 100 crianças maltratadas na Escócia (entre 12-62 meses). Por meio de uma ferramenta de observação, pesquisaram-se os sintomas do Transtorno de Apego Reativo	Identificou-se prevalência desse transtorno de 5% nas crianças que se encontravam em um orfanato. Após um ano de melhoria no cuidado, avaliando 76 crianças do estudo, observou-se uma prevalência de 2,1%
TORDON <i>et al</i> , 2019	A11	<i>Nordic Journal of Psychiatry</i>	Estudo de coorte quantitativo. Amostra final de 5839 alunos do terceiro ano do ensino médio. Foram divididos em 2 grupos, considerando cuidados fora de casa (0,7%) ou sem cuidados fora de casa (99,3%), os quais	No grupo índice (cuidados fora de casa), encontrou-se uma maior porcentagem em relação aos relatos de abuso psicológico, abuso físico e sexual. Eles ainda procuraram mais atendimentos com a saúde mental,

			responderam um questionário para análise de abuso sexual e saúde mental	apresentando maiores índices de depressão, estresse pós-traumático e baixa autoestima
KWOK <i>et al</i> , 2019	A12	<i>Child Abuse Neglect</i>	Estudo de coorte quantitativo. Amostra final de 909 alunos das 8ª e 9ª séries (12-18 anos) de escolas em Hong Kong. Utilizaram-se como instrumentos: Escala de Ideação Suicida, Escala de trauma e <i>Gratitude Questionnaire-6</i>	A ideação suicida estava diretamente associada com o abuso sexual na infância e indiretamente com o nível de gratidão da criança.
ZHOU <i>et al</i> , 2019	A13	<i>International Journal of Environmental Research and Public Health</i>	Estudo de coorte quantitativo. Amostra final de 1.511 crianças do oeste da China. Com o objetivo de avaliar a situação de maus-tratos e sua relação com a saúde mental, os participantes responderam a um questionário personalizado	12,3%, 14,0%, 1,3% e 28,1% das crianças sofreram abuso físico, abuso emocional, abuso sexual e negligência, respectivamente, enquanto 186 crianças (12,3%) sofreram vários tipos de maus-tratos. Ademais, houve correlação dessas situações com o surgimento de sintomas depressivos e ansiosos
CHANDAN <i>et al</i> , 2019	A14	<i>Lancet Psychiatry</i>	Estudo de coorte quantitativo. Amostra formada por prontuários de um banco de dados. Elegeram-se 217.758 pacientes com registros de maus-tratos na infância. Estes foram pareados com um grupo controle de 423.410 pacientes sem registros de maus-tratos	Durante o período, 5,9% a mais de diagnósticos de doença mental foram realizados no grupo exposto. Entre esse grupo, 14,8% receberam uma nova prescrição para transtornos mentais
SIERAU <i>et al</i> , 2020	A15	<i>Journal of Abnormal Child Psychology</i>	Estudo de coorte quantitativo. Amostra final de 791 cuidadores e seus filhos de 3-16 anos. Entre esses, 279 tinham relatos de maus-tratos. A análise dos participantes foi realizada por entrevistas e autorrelatos. Instrumentos: <i>Childhood Trauma Questionnaire (CTQ)</i> , <i>Maltreatment Classification System (MCS)</i> , <i>Patient Health Questionnaire (PHQ)</i> , e <i>Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ)</i>	Entre os cuidadores, 37,17% relatam algum tipo de abuso na infância, como abusos emocional, físico, sexual, e negligência emocional e física. Em relação às crianças, 35,3% relataram o sofrimento de maus-tratos. Houve relação entre as experiências de maus-tratos na infância dos cuidadores com os problemas de conduta e emocionais de seus filhos
DHAMAYANTI <i>et al</i> , 2020	A16	<i>BMC Pediatrics</i>	Estudo transversal quantitativo. Amostra final de 786 alunos de ensino médio. Aplicaram-se os questionários <i>Children's Depression Inventory (CDI)</i> e <i>Child Abuse Screening Tool (ICAST)</i> para avaliar sintomas de depressão e histórico de abuso, respectivamente	Identificou-se uma relação entre situações de abuso infantil e sintomas de depressão. A violência psicológica foi o maior fator de risco para depressão

Em relação ao espaço temporal, percebe-se o predomínio do ano de 2018 nas publicações, com oito trabalhos (50%), seguido dos anos de 2019, com seis trabalhos

(37,5%), e 2020, com duas publicações (12,5%). Em o que concerne aos países de origem das produções, evidencia-se que Alemanha, China, Brasil, Turquia, Estados Unidos e Inglaterra apresentaram a maior parte dos trabalhos, com dois (12,5%) estudos de cada país. Em seguida, Suécia, Tanzânia, Indonésia e Escócia apresentaram um (6,25%) trabalho para cada região.

Junto a isso, para a melhor análise e entendimento das publicações encontradas, pode-se dividir os seus objetivos em quatro grupos temáticos principais. No primeiro, os estudos abordados correlacionaram as vivências de abuso sexual, físico e emocional de crianças e adolescentes com o desenvolvimento de sintomas depressivos, ansiosos e até mesmo transtornos psiquiátricos específicos. O segundo grupo englobou estudos que analisaram fatores e características pessoais que auxiliaram na saúde mental de crianças e adolescentes que sofreram qualquer tipo de violência e maus tratos. Já o terceiro grupo abordou a relação dos maus-tratos infantojuvenis, a saúde mental e o processo de culpabilização da vítima por parte da sociedade. Por fim, o quarto grupo buscou investigar a influência de experiências pregressas dos cuidadores relacionados aos maus-tratos quando crianças como fator preditor do seu comportamento negligente.

A caracterização dos estudos em relação aos grupos de categorias pode ser analisada no quadro 2.

Quadro 2. Classificação dos trabalhos de acordo com os seus objetivos.

Categoria	Artigos
I: Associação direta entre maus-tratos e problemas de saúde mental por crianças e adolescentes	A1; A2; A6; A7; A8; A9; A12; A13; A14; A16
II: Fatores de proteção para a saúde mental de crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos	A4; A10; A11
III: Relação entre culpabilização da vítima de maus-tratos pela sociedade e sua saúde mental	A3; A5
IV: Influência da experiência pregressa de maus-tratos em cuidadores como fator preditor de perpetuação de abusos	A15

4. DISCUSSÃO

Os artigos compreendidos na categoria I, “Associação direta entre maus-tratos e problemas de saúde mental por crianças e adolescentes”, compõem a categoria mais ampla dos artigos selecionados, em que é possível observar essa associação sob diversos enfoques que auxiliam na compreensão do problema relacionado aos maus-tratos na infância.

Dentre as diversas formas de violência, o abuso sexual foi frequente nos artigos selecionados, e, de forma mais específica, os artigos A1 e A12 tiveram como foco abordar esse tipo de violência. O documento A1 aborda os sentimentos da criança inscritas no Centro de Proteção às Crianças, tais como culpa, desespero e medo que o abuso acontecesse novamente. Já o artigo A12 também teve como busca principal a associação do abuso sexual com problemas na saúde mental, especificamente, na ideação suicida. Estabeleceu-se, portanto, uma relação direta entre maior ideação suicida e abuso sexual infantil, associado, também, ao menor nível de gratidão dessas crianças que foram violentadas. A relação entre adversidades na infância e tentativas de suicídio pode ser explicada através de diversos mecanismos, e pesquisadores que abordam essa questão exploram desde fatores socioeconômicos e culturais como fator de risco, até estudos da neurociência, explicando que as condições ambientais externas incutem em mudanças biológicas e podem influenciar na relação maus-tratos e suicídio (PINTO; ALVES; MAIA, 2015). Além disso, o abuso sexual infantil reflete diretamente na vida adulta, podendo resultar em problemas que surgem na infância e se prolongam até a maioridade como sofrimento intenso, baixa autoestima, depressão, comportamento destrutivo, problemas com relacionamentos e dificuldades com a vida sexual (LIRA *et al.*, 2017).

Outrossim, a falta de vínculo familiar afeta, significativamente, na saúde mental dos infantes, sendo o conflito nas famílias um fator relevante em o que diz respeito ao aparecimento de sintomas depressivos, ansiosos, problemas de memória, comportamentos hiperativos e agressividade. O conflito familiar, juntamente à hierarquia, compõem o polo negativo das dimensões familiares, contrapondo o polo positivo, que é composto por apoio e coesão. Dessa forma, tem-se que o conflito está, diretamente, relacionado à falta de vínculo, em que há uma relação pouco afetiva e muito crítica entre pais e filhos, relacionando-se com o aparecimento de distúrbios da saúde mental nas crianças acometidas (LEUCIN; PETRUCCI; BORSA, 2018). O artigo A6 explora, enfaticamente, este aspecto, relacionando o pouco envolvimento pai-filho ao abuso e ao desenvolvimento de problemas psicológicos.

Ainda sob tal perspectiva, deve-se salientar que os distúrbios emocionais podem, dentre outras formas, ser classificados como internalizantes ou externalizantes, sendo que os primeiros são relacionados ao retraimento, à preocupação em excesso e à insegurança; enquanto os segundos, à oposição, à impulsividade, à hostilidade e à hiperatividade. É importante ratificar que ambos interferem na vida da criança e no seu desenvolvimento (LEUCIN; PETRUCCI; BORSA, 2018). A internalização e a externalização foram

abordadas no artigo A9, uma vez que se relacionam com a negligência e violência cometida contra as crianças e, assim como apontado por Leucin, Petrucci e Borsa (2018) afetam diretamente no desenvolvimento infantil.

Outro aspecto passível de análise é o reflexo da violência na infância no sexo feminino, como abordado no artigo A7, em que se analisou que o transtorno pós-traumático e os distúrbios de sono estavam vinculados à violência sofrida. É importante destacar o efeito futuro na vida da mulher violentada que se tornam, por exemplo, mais suscetíveis a sofrerem violência de seus parceiros na vida adulta ou praticarem a violência como conduta adequada (SILVA; FALBO NETO; CABRAL FILHO, 2009).

Os outros artigos da categoria I abordam, de maneira mais ampla, a relação direta da violência com o desenvolvimento de problemas em o que tange à saúde mental das crianças, tendo influência, inclusive, na vida adulta. Trata, além disso, sobre vários tipos de violência, como física, sexual, psicológica e negligência, não atribuindo peso maior a um determinado tipo de abuso, visto que todos se configuram como uma violação aos direitos das crianças e podem impactar, seriamente, na saúde mental delas. Isso pode influenciar em todo o crescimento e o desenvolvimento da criança acometida, interferindo em seu funcionamento a longo prazo, limitando atividades diárias e prejudicando o cotidiano dela e da família (VICENTE; HIGARASHI; FURTADO, 2015).

Nesse contexto, um estudo realizado na Alemanha com 1027 indivíduos estabeleceu uma correlação com a depressão e os maus-tratos na infância, em que foram incluídos diversos tipos de violência, bem como abuso emocional, abuso físico, abuso sexual, negligência física e negligência emocional. Os participantes foram recrutados *online* e em seguida selecionados de acordo com os critérios de exclusão aplicados, excluindo-se pessoas menores de 18 ou maiores de 65, não fluentes em alemão, com sintomas bipolares e/ou psicóticos e suicídio agudo. Após a aplicação dos instrumentos, os resultados indicaram que 16,3% preencheram os critérios do DSM-5 para um episódio atual de depressão maior e 48,8% sofriam de sintomas depressivos leves a graves. Sobre os maus-tratos infantis e as hipóteses traçadas, que incluíam a depressão maior, o transtorno do estresse pós-traumático e as dificuldades de regulação emocional, foi possível notar, de acordo com os resultados um coeficiente de relação entre mediadores e os maus-tratos variando de 0,13 a 0,47, confirmando uma forte correlação entre essas fatores e os abusos e negligências sofridos na infância (KUMPLARENDT *et al.*, 2019).

Paralelamente, em um estudo longitudinal de coorte australiano, que acompanhou 3778 crianças desde o nascimento até 21 anos, demonstrou-se que o índice depressivo é,

ligeiramente, maior em pessoas que sofreram dois ou mais tipos de abuso, e em indivíduos de baixa renda ou que vivem em áreas socialmente desfavorecidas. Quanto ao desenvolvimento de transtornos, nota-se que o estresse pós-traumático foi uma decorrência comum a praticamente todos os subtipos de agressões (abuso sexual, múltiplos abusos substanciados e físicos), ao passo que a depressão, por sua vez, parece estar mais atrelada ao abuso emocional e à negligência. Já múltiplos tipos de abusos substanciados mostraram-se muito associados à ansiedade. Portanto, pode-se criar uma relação entre as taxas de maus-tratos infantis e as desvantagens sociais, já que há uma maior incidência das formas de agressões em vítimas cujas mães não haviam frequentado o ensino médio ou cujos pais eram de baixa renda. Além disso, vítimas que recebiam menos que 159 dólares por semana eram mais prováveis de terem sido abusadas quando crianças, se comparadas àquelas que atingiram o nível superior de educação (KISELY *et al.*, 2018).

Na categoria temática II, “Fatores de proteção para a saúde mental de crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos”, há uma abordagem de fatores protetivos e de melhor prognóstico relacionados à temática de maus-tratos infantojuvenis. No artigo A4, evidencia-se que a possibilidade da criança maltratada ter acesso a um respaldo comunicativo, em que consiga interagir com outros indivíduos, consiste em um amparo e proteção, já que esse indivíduo pode encontrar mais facilidade e motivações para se expressar. Ademais, a possibilidade de se associarem em atividades extracurriculares revelou-se como uma alternativa para que pudessem direcionar sua energia e suas habilidades no desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e artísticas, por exemplo, e assim, elevar sua autoestima e seu bem-estar.

Ademais, observa-se que o apoio familiar e estar envolto por uma atmosfera com afeto positivo (humor, alegria, respeito e carinho) demonstram-se como elementos protetores, uma vez que há indícios de que, comumente, lares que apresentam relações familiares desestruturadas, não saudáveis, conflituosas e instáveis costumam ser mais propensas a protagonizarem casos de violência sexual, sobretudo, quando os progenitores estão envolvidos com alcoolismo e violência familiar (PALUDO; DEI SCHIRÒ, 2012). Nesse sentido, pode-se dizer que o apoio protetivo esperado correlaciona-se com a promoção de um ambiente estável, em que a criança e o adolescente possam ter uma infraestrutura de suporte, podendo se sentir refugiados e livres de ameaças às suas integridades física, psíquica, emocional e sexual. Além disso, a orientação familiar apresenta a abordagem e o diálogo necessários sobre como o infante pode se portar caso seus direitos, sua privacidade e seu corpo, permitindo que se sintam respaldados sobre como proceder, bem como

se sintam acolhidos, e não acuados, em falar sobre o assunto, comunicando-se com pessoas confiáveis (RUDOLPH; ZIMMER-GEMBECK, 2018).

Outrossim, os artigos A10 e A11 relatam como a melhora no ambiente circundante dos jovens vitimizados e maltratados teve extrema importância para a melhora no quadro clínico desses pacientes, em o que tange aos aspectos de sua saúde mental e às sintomatologias apresentadas, as quais diminuíram, resultando em melhoras cognitivas e no neurodesenvolvimento de muitos pacientes. Assim sendo, reitera-se a importância da conjuntura em que a criança e o adolescente se inserem, uma vez que, caso o ambiente seja inóspito e com desentendimentos, aumenta-se a probabilidade de que o indivíduo desenvolva-se com traumas e suscetível a maus-tratos. Já em casos de familiares com convivência harmoniosa e aberta ao diálogo sobre os problemas vivenciados, demonstrou-se melhora no prognóstico dos jovens. Não obstante, é notório que alguns fatores agravem e coloquem algumas crianças em maior risco de sofrerem abusos, a exemplo da exposição a situações de vulnerabilidade social, como fome e extrema pobreza, os quais potencializariam o envolvimento infantojuvenil com formas ilícitas de sobrevivência, culminando em uma maior fragilidade do indivíduo, já que está mais exposto a situações em que pode ser violentado e expropriado de seus direitos através da coerção, inclusive, em âmbito sexual (PALUDO; DEI SCHIRÒ, 2012). Dessa forma, os artigos afirmam que melhorar esses condicionantes sociais, por meio de políticas públicas de acolhimento e de seguridade social, seria uma forma de assegurar maior proteção a esses cidadãos, para que eles não tenham sua privacidade, seu corpo e a sua vontade deturpados, mas, sim, zelados.

Já na categoria temática III, “Relação entre culpabilização da vítima de maus-tratos pela sociedade e sua saúde mental”, composta pelos artigos A3 e A5, aborda-se a questão dos maus-tratos, da saúde mental e da culpabilização social. Retrata-se que as vítimas de maus-tratos infantojuvenis possuem uma série de dificuldades em lidar com a situação, haja visto que envolvem seres em fase de crescimento e amadurecimento em diversos âmbitos de sua individualidade, como o psíquico, o corpóreo e o emocional. Logo, passar por um evento estressante, inesperado e agressivo, como os maus-tratos, pode ser um fator internalizado e, conseqüentemente, externalizado de diversas formas, dependendo de cada indivíduo, da forma de maus-tratos sofrida e das orientações que recebera previamente sobre a temática. Nesse ínterim, nota-se que a vulnerabilidade desses indivíduos pode ser ainda mais acentuada pelas influências sociais acerca do ocorrido, pois a opinião da coletividade pode refletir e impactar no juízo crítico desses jovens, o qual ainda está em formação e moldagem, podendo culminar na alteração da perspectiva

que a vítima tem sobre o ocorrido, pelo fato de se sentir pressionada socialmente, inclusive, dentro do seio familiar, visto que, usualmente, os pais optam por serem omissos ao ocorrido, deixando os maus-tratos em segredo, fora do alcance social. Por conseguinte, muitas das vezes, os infantojuvenis sofrem repressão pelo acontecimento, fazendo com que se sintam culpados de alguma maneira, o que pode resultar em grandes impactos em sua saúde mental.

Nessa conjuntura, os valores e o julgamento social são fatores muito relevantes, sobretudo, em casos de violência sexual entre os familiares, em que tabus culturais, enraizados na sociedade, apresentam-se de maneira exacerbada, sobremaneira, concernentes à importância da manutenção das relações de poder no seio familiar, o que é utilizado como justificativa para a manutenção do poder abusivo dos pais sobre os infantes. Dessarte, a cultura adultocêntrica e patriarcal auxilia na manutenção do pensamento conservador de boa parte da população, a qual se torna conivente com os maus-tratos, propiciando que os agressores fiquem impunes e que as vítimas sintam-se coagidas e, de um certa forma, culpadas e reféns do ocorrido, devido à crítica social atribuir-lhes o papel de submissão inquestionável ao poder dos mais velhos (FERREIRA, CORTÊS, GONTIJO, 2019).

Não obstante, notou-se um comportamento recorrente entre os familiares das vítimas abusadas, principalmente, a mãe (nos casos de maus-tratos ao gênero feminino): os familiares passaram a se afastar da criança ou do adolescente, bem como tentar encontrar no comportamento e conduta da vítima alguma justificativa para compartilhar a responsabilidade pela vivência abusiva. Dessarte, violentadas e impostas a seguir o molde social de submissão, essas vítimas têm os seus direitos violados e os vínculos afetivos, quebrados. Com isso, muitas passam a ter comportamentos autodestrutivos e baixa autoestima, além de recorrem a mecanismos de fuga, como sair de casa e ir morar na rua, utilizar drogas, bem como realizar tentativas sucessivas de suicídio e de homicídio. Desse modo, o espectro danoso pode ser amplo e duradouro, com traumas que podem perdurar por toda a sua vida, como prejuízos para lidar com as relações interpessoais, depressão, dependência de drogas lícitas e não lícitas, paralisação e agressividade (CARVALHO E LIRA et al., 2019)

Por fim, a respeito da categoria IV, “Influência da experiência pregressa de maus-tratos em cuidadores como fator preditor de perpetuação de abusos”, associa que alguns pais que cometem maus-tratos em seus filhos, outrora, quando crianças, foram maltratados pelos seus familiares. Assim sendo, estima-se que os comportamentos vistos,

aprendidos e sofridos durante a infância, associados aos maus tratos, têm uma grande tendência de serem internalizados e, posteriormente, reproduzidos na vida adulta, sobremaneira, em casos nos quais esses indivíduos se utilizam de estratégias físicas para resolverem conflitos com os filhos, bem como possuem sentimentos negativos sobre si mesmo e sua performance como progenitor (SANTOS; DELL'AGLIO, 2008). Por conseguinte, nota-se que essa reprodução de modelos educativos abusivos tidos na infância, desencadeia um círculo vicioso, em que novas crianças serão vítimas e poderão, futuramente, ser pais agressores, perpetuando, pois, uma estrutura familiar instável, conturbada e reprodutora de padrões comportamentais nocivos (MEIRA; BEZERRA, 2013).

Apesar dos relevantes achados, vale-se ressaltar algumas limitações desse estudo. Inicialmente, tem-se que as diferentes formas de abordagens, de metodologias e de linguagens dos artigos dificultaram o alcance dos objetivos. Ademais, a escassez de publicações disponíveis nas plataformas de busca ou a não compatibilidade com os critérios de inclusão dificultaram o alcance completo das literaturas pela metodologia de busca. Contudo, acreditamos que novos trabalhos podem abordar e completar essas limitações, auxiliando a dar destaque para essa temática, a qual deve ser melhor discutida e aprofundada, uma vez que influencia diretamente na melhoria da saúde coletiva da população.

5. CONCLUSÃO

O estudo evidenciou a associação direta entre os maus-tratos na infância e o desenvolvimento de problemas de saúde mental por crianças e adolescente, afetando, também, a adolescência e vida adulta. A pesquisa encontrou, ainda, relação entre maus-tratos infantojuvenis, saúde mental e processo de culpabilização da vítima pela sociedade, além da influência da experiência pregressa de maus-tratos nos cuidadores como fator preditor de seu comportamento com seus filhos.

Os maus-tratos podem ser amenizados por meio de fatores de proteção, os quais incluem: acesso a um respaldo comunicativo, atividades extracurriculares e apoio familiar com afeto positivo, ou seja, melhora no ambiente circundante das crianças e dos jovens vitimizados e maltratados.

A existência dos maus-tratos na infância é um problema de saúde pública, visto que atinge parcela considerável de crianças e adolescentes, além de que a violência tem maior incidência dentro dos domicílios, tendo como principais agressores os parentes e cuidadores da vítima. Ademais, é possível concluir que os maus-tratos na infância

acarretam consequências físicas e psicológicas, com destaque para o comportamento agressivo ou suicida e abuso de substâncias, além de problemas no desenvolvimento.

A violência humana foi historicamente naturalizada, devido ao processo de repetição ao longo dos anos, e, embora, conquistas já tenham sido alcançadas, como no Brasil, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente, e, mais recentemente, a Lei nº 13.010/2014, as altas taxas de maus-tratos, dentro da faixa etária em questão, evidenciam a necessidade de mais ações preventivas.

Outrossim, existem fatores que agravam e colocam algumas crianças em maior risco de sofrerem abusos e maus-tratos, como exposição a situações de vulnerabilidade social. Assim sendo, recomenda-se melhorar esses condicionantes sociais por meio de políticas públicas de acolhimento e de seguridade social, como forma de garantir maior proteção a esses cidadãos.

Por fim, pode-se dizer que o presente artigo contribuiu para a produção científica, dado que o levantamento da literatura pode oferecer subsídios para a formulação de novas ações que apresentem como base as reais necessidades de saúde mental das crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos.

REFERÊNCIAS

- BRUCE, M. *et al.* Reactive Attachment Disorder in maltreated Young children in foster-care. **Attachment & Human Development**, v. 21, n. 2, p. 152-169, 2019.
- CARVALHO E LIRA, M. O. S. *et al.* Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 26, n. 3, e0080016, 2017.
- CELIK, G. *et al.* Recantation of Sexual Abuse Disclosure Among Child Victims: Accommodation Syndrome. **Journal of Child Sex Abuse**, v. 27, n. 6, p. 612-621, 2018.
- CHANDAN, J. S. *et al.* The burden of mental ill health associated with childhood maltreatment in the UK, using the Health Improvement Network database: a population-based retrospective cohort study. **Lancet Psychiatry**, v. 6, n. 11, p. 926-934, 2019.
- CORDEIRO, K. C. C. *et al.* Strategies by educators with in the school setting to prevent and cope with the experience of domestic violence by adolescents. **Aquichan**, v.19, n.3, e1938, 2019a.
- CORDEIRO, K. C. C. *et al.* Domestic violence experienced by adolescents: the discourse of women educators. **Texto Contexto Enfermagem**, v.28, e20180275, 2019b.
- DHAMAYANTI, M. *et al.* The association of depression with child abuse among Indonesian adolescents. **BMC Pediatrics**, v. 20, n. 1, p. 313, 2020.
- FERREIRA, C. L. S.; CÔRTEZ, M. C. J. W.; GONTIJO, E. D. Promoção dos direitos da criança e prevenção de maus tratos infantis. **Ciências saúde coletiva**, v. 24, n. 11, 2019.
- GÜVEN, S. T.; DALGIÇ, A. I.; ERKOL, Z. Emotional and Psychosocial Problems Encountered by Children Who Have Been Sexually Abused. **Journal of Psychosocial Nursing and Mental Health Services**, v. 56, n. 2, p. 37-43, 2018.
- HECK, T. *et al.* Child neglect and its relation to emotional and behavioral problems: A cross-sectional study of primary school-aged children in Tanzania. **Development and Psychopathology**, v. 31, n. 1, p. 325-339, 2019.
- HILDEBRAND, N. A. *et al.* Resilience and mental health problems in children and adolescents who have been victims of violence. **Revista de Saúde Pública**, v. 53, n. 17, 2019.
- KISELY, S. *et al.* Child maltreatment and mental health problems in adulthood: birth cohort study. **The British Journal of Psychiatry**, v. 213, n. 6, 2018.
- KHAMBATI, N. *et al.* Educational and emotional health outcomes in adolescence following maltreatment in early childhood: A population-based study of protective factors. **Child Abuse and Neglect**, v. 81, p. 343-353, 2018.
- KLUMPARENTDT, A. *et al.* Associations between childhood maltreatment and adult depression: a mediation analysis. **BMC Psychiatry**, v. 19, n. 36, 2019.

KWOK, S. Y. C. L.; GU, M.; CHEUNG, A. A longitudinal study on the relationship among childhood emotional abuse, gratitude, and suicidal ideation of Chinese adolescents. **Child Abuse and Neglect**, v. 94, 104031, 2019.

LEUSIN, J.F; PATRUCCI, G.W; BORSA, J.C. Clima Familiar e os problemas emocionais e comportamentais na infância. **Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**, v. 19, n. 1, 2018, p. 49-61, 2018.

LIRA, M.O.S.C.*et al* . ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA E SUAS REPERCUSSÕES NA VIDA ADULTA. **Texto contexto Enfermagem**, v. 26, n. 3, e0080016, 2017.

MAGALHAES, J. R. F. *et al*. Repercussões da violência intrafamiliar: história oral de adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.73, n.1, e20180228, 2020.

MCGUIRE, A. *et al*. The relation between dimensions of maltreatment, placement instability, and mental health among youth in foster care. **Child Abuse and Neglect**, v. 86, p. 10-21, 2018.

MEIRA, J. S.; BEZERRA, M. H. O. Feridas da infância: repercussões da violência no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Expressão Católica**, v. 2, n. 2, p. 97-113, 2013.

MINAYO, M. C. S. *et al*. Institucionalização do tema da violência no SUS: avanços e desafios. **Ciência Saúde Coletiva**, v.23, n.6, p.2007-2016, 2018

MORAES, C. L. *et al*. The intertwined effect of lack of emotional warmth and child abuse and neglect on common mental disorders in adolescence. **Child Abuse and Neglect**, v. 83, p. 74-82, 2018.

NKUBA, M. *et al*. Mental health problems and their association to violence and maltreatment in a nationally representative sample of Tanzanian secondary school students. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, v. 53, n. 7, p. 699-707, 2018.

OLIVEIRA, I. R. *et al*. Disentangling the mental health impact of childhood abuse and neglect: A replication and extension study in a Brazilian sample of high-risk youth. **Child Abuse and Neglect**, v. 80, p. 312-323, 2018.

OPS. Organización Panamericana de la Salud. **Protección de la Salud Mental em Situaciones de Desastres y Emergencias**. Washington: OPS, 2002. Disponível em: <http://ci-dbimena.desastres.hn/docum/ops/libros/SaludMentalTotal.pdf>. Acesso em 26 out. 2020.

PALUDO, S. dos S.; SCHIRÒ, E. D. B. Um estudo sobre os fatores de risco e proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 397-404, 2012.

PINTO, V. C. P.; ALVES, J.F.C.; MAIA, A.C. Adversidade na infância prediz sintomas depressivos e tentativas de suicídio em mulheres adultas portuguesas. **Estudo de Psicologia (Campinas)**, Campinas ,v. 32, n. 4, p. 617-625, 2015 .

QUEIROS, M.; CASEIRO, J. Child maltreatment and mental disorders: the role of epigenetics. **Nascer e Crescer**, v.27, n.3, p.166-175, 2018.

ROSSI, L. M. *et al.* Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. **Cadernos de Saúde Pública**, v.35, n.3, e00125018, 2019.

RUDOLPH, J.; ZIMMER-GEMBECK, M. J. Parents as protectors: A qualitative study of parents' views on child sexual abuse prevention. **Child Abuse & Neglect**, v. 85, p. 28-38, 2018.

SANTOS, S. S.; DELL'AGLIO, D. D. Compreendendo as mães de crianças vítimas de abuso sexual: ciclos de violência. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 25, n. 4, p. 595-606, 2008.

SCHNEIDERMAN, J. U. *et al.* Longitudinal Relationship Between Mental Health Symptoms and Sleep Disturbances and Duration in Maltreated and Comparison Adolescents. **Journal of Adolescent Health**, v. 63, n. 1, p. 74-80, 2018.

SIERAU, S. *et al.* Childhood Emotional and Conduct Problems in Childhood and Adolescence Differentially Associated with Intergenerational Maltreatment Continuity and Parental Internalizing Symptoms. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v. 48, n. 1, p. 29-42, 2020.

SILVA, M.A. da; FALBO NETO, G.H.; CABRAL FILHO, J.E. Maus-tratos na infância de mulheres vítimas de violência. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 1, p. 121-127, 2009 .

SOUZA, C. M.; VIZZOTTO, M. M.; GOMES, M. B. Relação entre violência familiar e transtorno de estresse pós-traumático. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v.19, n.2, p.222-233, 2018.

TORDÖN, R. *et al.* Background, experience of abuse, and mental health among adolescents in out-of-home care: a cross-sectional study of a Swedish high school national sample. **Nordic Journal of Psychiatry**, v. 73, n. 1, p. 16-23, 2019.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Um rosto familiar: Violência na vida de crianças e adolescentes**. Nova Iorque: UNICEF, 2017. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unicef_relatorios/violencia_na_vida_de_crianças_e_adolescentes_unicef2017_resumo_port.pdf. Acesso em 26 out. 2020.

VICENTE, J.B; HIGARASHI, I.H; FURTADO, Maria C. de. C. Transtorno mental na infância: configurações familiares e suas relações sociais. **Escola de Enfermagem Anna Nery**, v. 19, n. 1, p. 107-114, 2015.

ZHOU, Y. *et al.* Child Maltreatment in Western China: Demographic Differences and Associations with Mental Health. **International Journal of Environmental and Public Health**, v. 16, n. 19, p. 3619, 2019.